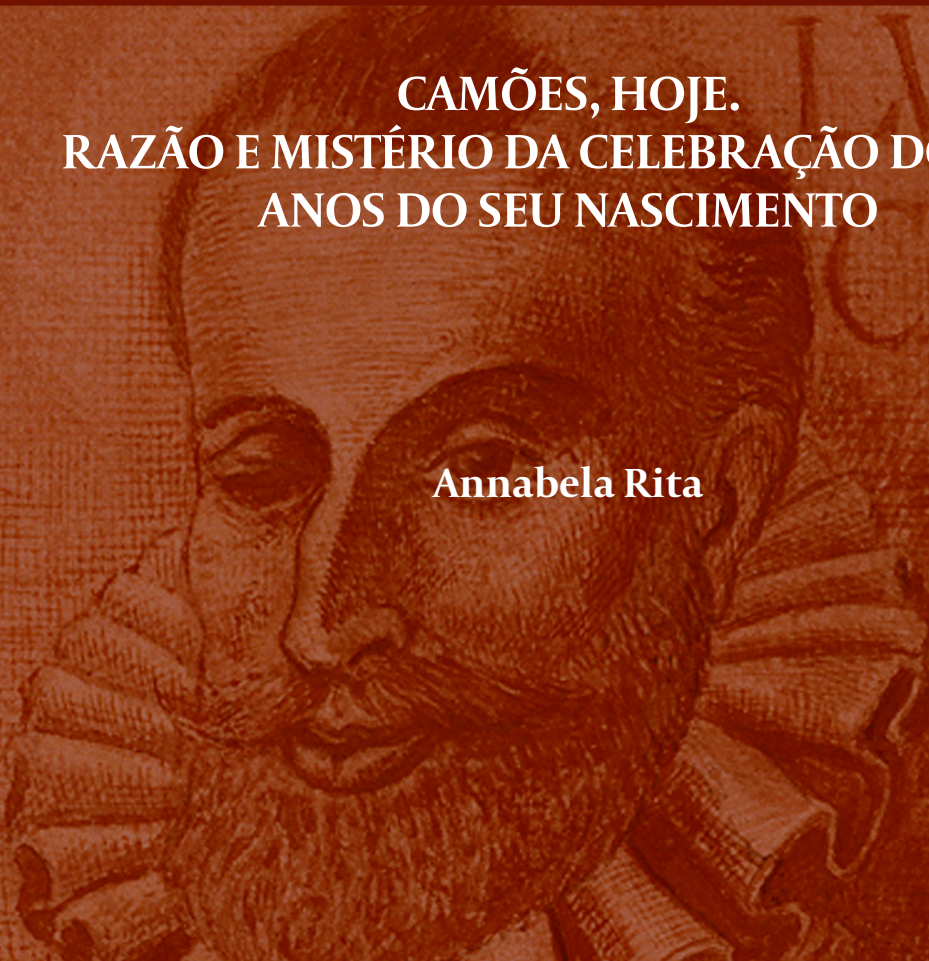


Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

CAMÕES, HOJE.
RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500
ANOS DO SEU NASCIMENTO

Annabela Rita



CAMÕES, HOJE.
RAZÃO E MISTÉRIO DA CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS DO SEU NASCIMENTO

CAMÕES, TODAY.
REASON AND MYSTERY OF THE CELEBRATION OF THE 500TH ANNIVERSARY OF HIS BIRTH

Annabela Rita¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>

RESUMO: É objectivo deste trabalho enumerar alguns factores que justificam a celebração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, observando o modo como ele se foi tornando, progressivamente, o símbolo da identidade nacional portuguesa. Do reconhecimento da sua representatividade estética e existencial até à sua construção no quadro da laicização cultural positivista, alguns marcos mais destacados serão evocados.

PALAVRAS-CHAVE: Luís de Camões. Centenário. Cânone literário. Identidade nacional. Portugal.

ABSTRACT: The aim of this work is to enumerate some factors that justify the celebration of the 500th anniversary of the birth of Luís de Camões, observing the way in which he gradually became the symbol of portuguese national identity. From the recognition of its aesthetic and existential representation to its construction within the framework of positivist cultural secularization, some more prominent landmarks will be evoked.

KEY WORDS: Luís de Camões. Centenary. Literary canon. National identity. Portugal.

*Os olhos turvos para o céu levanta,
e já no arranco extremo: – “Pátria, ao menos
juntos morremos...” E expirou co'a pátria.*

Almeida Garrett. *Camões* (1825)

*Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutro ascende, num pilar!*

Cesário Verde. “O Sentimento dum Ocidental” (1880)

¹ Possui doutorado em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1995), Agregação (2010) e 2 pós-doutoramentos sobre o Cânone Literário (2014 e 2017). Atualmente é professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora integrada do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. E-mail: annabela.rita@gmail.com. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Se a primeira epígrafe nos fala do homem, a segundo, claramente, descreve o monumento que lhe é dedicado. Mas ambas são *representações* de Camões, leituras e leituras de leituras...

Começemos pela segunda.

No Largo Camões, em Lisboa, ergue-se o monumento ao poeta que lhe dá o nome: o vate em bronze de 4 metros coroadado de louros e com uma capa pelas costas, a mão direita empunhando a espada caída e a esquerda agarrando a si *Os Lusíadas*. Em torno do pedestal de mármore branco de 7,5m de altura, 8 estátuas, de pedra de lioz, de 2,40m de altura, representam notáveis da cultura, das letras e da ciência dos sécs. XVI e XVII: os cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, o cosmógrafo Pedro Nunes e os poetas Vasco Mouzinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses. O conjunto é da autoria do escultor Victor Bastos (1860, inaugurado em 1867, como a praça, e celebrado em 1880), foi pago por subscrição pública (foram trinta e oito contos), preparando as comemorações do terceiro centenário da morte de Camões (1880), promovidas por Teófilo Braga com o apoio de João de Deus, Antero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão.²

Contrapontisticamente na geografia e na faixa etária e social, em Coimbra, os Estudantes da Universidade de Coimbra promoveram, em 8/Maio/1881, o monumento de homenagem homóloga da autoria de António Augusto Gonçalves: uma coluna encimada por uma coroa de louro em bronze sobre um pedestal e com uma estátua de leão em bronze com a cabeça levantada simboliza o rei dos Poetas, elevando a fasquia do título habitual de “Príncipe”. Inaugurado em 8/Maio/1881, próximo da Porta Férrea, foi desmontado em 1948 e foi reerguido em 1983 na Rua do Arco da Traição, tendo sido novamente transferido para a Av. Sá da Bandeira (faixa central) em 2005.

Passemos à primeira epígrafe.

Segundo o Visconde de Juromenha, o “Príncipe dos Poetas” teria falecido em 10 de Junho de 1580, de acordo com um documento sobre a concessão da pensão à Mãe pela sua morte. Sendo uma data mais comprovada e encerrando o ciclo de vida e obra da personalidade (razão das efemérides), será ela que será celebrada, trabalhada, evocada.

² Mário COSTA. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987, pp. 68-70.

O século XIX, dominado pelos ideais positivistas de progresso, pela decadência das grandes dinastias reinantes e pelo anticlericalismo, é o da reconfiguração do calendário celebratório para que “o Povo se mire”: não já o religioso, mas o das figuras representativas da “caminhada da Humanidade” na senda do “progresso”³. Como diz Garrett na sua “Memória ao Conservatório Real”,

«Este é um século democrático: tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo...ou não se faz. [...] Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na cousa pública como sua; querem ir, como Eurípides e Sófocles, solicitar na praça os sufrágios populares, não como Horácio e Vergílio, cortejar no paço as simpatias de reais corações.”⁴

Esse é um claro sintoma do “désenchantement du monde” (Max Weber, Marcel Gauchet), ou seja, da progressiva laicização do imaginário, buscando nos homens e nos factos a legitimação de uma existência e de uma identidade comunitárias (Benedict Anderson) até então atribuída ao divino, à sua vontade e a uma nova aliança (mito de Ourique). É esse o enquadramento dos centenários, “sínteses afectivas nas sociedades modernas”, de acordo com Teófilo Braga⁵.

E, se a data da morte de Camões (10/Junho/1580) é a data logicamente comemorada (a única comprovada e como o ciclo da vida e da obra completo), a verdade é que ela será reforçada pela identificação entre Camões e Portugal (e, em 1952, pelo culto do Anjo Custódio de Portugal⁶): fundirá definitivamente o destino do poeta e da pátria (derrotada em Alcácer Quibir, 1578), irmanados na tragédia e na inicial (Poeta, Portugal, Pátria) maiúsculadas, na dramática representação garrettiana que epigrafa este texto e que informa *A Morte de Camões* (1824), de Domingos Sequeira, distinguida no *Salon* de Paris com a Medalha de Ouro. Uma dupla tragédia que Guerra Junqueiro envolve no sudário de *A Pátria* (1896), réquiem pel’ “a ditosa pátria minha amada” que em crístico Doido se simboliza, esse “gigante”-Génio- “[outrora] Arcanjo refulgente” “[r]ôto, cadavérico, longa barba esqualida, olhos profundos de alucinado” (Guerra Junqueiro) emergindo em grito-choro “contra a [tempestuosa] noite do Destino” que reúne Junqueiro e Gomes Leal...

³ O Calendário positivista (Auguste Comte, 1849), com os meses nomeados em memória de figuras históricas (Homero, Aristóteles, Arquimedes, Júlio César, São Paulo, Carlos Magno, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico II, Bichat) e referindo mais de 364 personagens que contribuíram na construção da civilização ocidental, de modo a desenvolver a consciência e sentimento de continuidade histórica (Cf. <http://positivists.org/calendar.html>).

⁴ Almeida Garrett. *Frei Luís de Sousa*, Porto, Liv. Civilização Editora, 1987, p. 26.

⁵ Teófilo Braga. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*, Lisboa, Typ. de A.J. da Silva Teixeira, 1884.

⁶ A pedido do rei D. Manuel I de Portugal, o Papa Júlio II instituiu em 1504 a festa do “Anjo Custódio do Reino”, oficializando um culto tradicional português. Depois de algumas vicissitudes, o culto seria restaurado em 1952 e inserido no Calendário Litúrgico português pelo Papa Pio XII, para comemorar o Dia de Portugal no 10 de Junho.

Mais ainda: *Os Lusíadas* beneficiarão da identificação entre autor-comunidade, livro, mito e símbolo que o Romantismo promove e se espelha na declaração garrettiana “Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo ... é um mito /...”⁷ no início das *Viagens na Minha Terra* (1946), ostentada num dos 13 painéis de azulejos de 1996 de Lima de Freitas, Estação Ferroviária do Rossio, em Lisboa.

Por isso, Eduardo Lourenço afirmará no seu discurso das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (Leiria, 1980):

“É inegável que **a osmose e a identificação entre o Poeta e o Livro, entre o Livro e a consciência nacional** é não só um facto, mas o facto capital da nossa Cultura. Se o não fosse, não estávamos aqui, reunidos colectivamente em volta de Camões, refazendo neste templo de prodígios siderais, uma nova versão dos painéis de Nuno Gonçalves.”⁸

Sendo, pois, Camões celebrado desde o seu tempo⁹, a verdade é que o Tricentenário foi uma efeméride marcante quer para o projecto da reconfiguração da identidade nacional, quer para o da memória camonianiana. Valerá apenas recordar alguns factos.

Em 1879, **Joaquim de Vasconcelos** propôs a comemoração do **Tricentenário da morte de Camões** na **Sociedade de Geografia de Lisboa**, em janeiro de 1880, **Teófilo Braga** colocou o tema na ordem do dia (com a série de textos “*O Centenário de Camões em 1880*”, no jornal *Comércio de Portugal* (8, 9 e 10/Jan./1880) e, em Abril, criou-se uma comissão para a organizar, com destaque para **J. C. Rodrigues da Costa**, **Eduardo Coelho**, **Sebastião de Magalhães Lima**, **Teófilo Braga**, **Ramalho Ortigão**, **Jaime Batalha Reis**, **Luciano Cordeiro**, **Rodrigo Afonso Pequito**.¹⁰ Como diz Carlos Cunha,

“Os textos escritos por Teófilo aquando do Tricentenário, reunidos no significativo *Camões e o Sentimento Nacional* (1891), apresentam Camões como patrono cívico da ressurreição da pátria, uma espécie de santo padroeiro do culto da Humanidade. No contexto da “síntese afectiva” (moral e estética), Teófilo integra Camões no quadro da sua Teoria dos Grandes Homens, que foram os que fizeram prevalecer os valores religiosos e espirituais sobre o arbítrio do poder temporal. A comemoração dos grandes homens é assim uma espécie de “hagiografia laica”, a celebração das figuras mais

7 Almeida Garrett. *Viagens na Minha Terra*. In: *Obras completas*. Porto, Lello & Irmão, 1966. p. 16.

8 Cf. <https://leduardolourenco.blogspot.com/2011/06/dia-de-camoes.html>. Negritos meus.

9 Cf. <http://www.luisdecamoes.pt/p/efemerides.html>.

10 Cf. Teófilo Braga, *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 1983, p. 163-164. Alexandre Cabral, *Notas Oitocentistas – I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p. 63.

representativas do progresso humano nas diversas épocas históricas, para dar a conhecer ao povo português um passado glorioso e revigorá-lo nas suas tradições, para dar coesão e unidade à consciência e ao sentimento nacionais.”¹¹

Camões como símbolo da comunidade marcada pela oscilação entre luzes e sombras, épica e tragédia, e o dia 10 de Junho de 1880 como “o começo de uma era nova” da “democracia portuguesa”¹²... numa Europa de circunstâncias cada vez mais favoráveis à ocorrência do *Ultimatum* inglês (1890) e onde Portugal, do desalento d’*O Desterrado* (1972), de Soares dos Reis, parece agigantar-se, agonicamente, como “povo (de) suicida(s)” (Miguel de Unamuno, Manuel Laranjeira) pelo gesto de intelectuais marcantes (Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de Albuquerque, Soares dos Reis, Júlio César Machado, Silva Porto, Manuel Laranjeira...).

No tricentenário¹³, em 1880, foi apoteótica a trasladação dos restos mortais dos 2 heróis, Vasco da Gama e Luís de Camões (os deste dispersos pelo terramoto de 1755), o novo Ulisses e o novo Homero, o nauta e o seu cantor (na expressão de Guilherme d’Azevedo, 1880¹⁴), através do Tejo, conduzindo a população aos Jerónimos, templo dos Descobrimentos, e colocando-os lado a lado, como reporta, dentre outras, a revista *O Ocidente* (N.º 60, de 15/Jun./1880)¹⁵. Foi o decisivo enlace da identidade nacional através da viagem além-mar unindo Ocidente e Oriente, viagem ultrapassando as velhas Argonáuticas e Odisseias. Dominava o sentimento de que a Europa estava com olhos postos nessas festas.

As representações de Luís de Camões variam entre o grande Poeta, “o novo santo de Lisboa”¹⁶, o Génio trágico d’*A Fome de Camões* (1880), de Gomes Leal, o naufrago “salvando um livro a nado” (“O Sentimento dum Ocidental”, 1880), de Cesário Verde. Cruzam-se e convivem com a memória comunitária as diversas perspectivas da elite literária, por vezes, inspirada nas *petrarquistas italianas* (1874) e nas *homenagens francesas aos “génios do século”* (Voltaire, Rousseau, Diderot, d’Alembert, Condillac e Adam Smith).

11 Cf. Carlos Cunha. “III Centenário da morte de Camões (1880)”, p. 3 [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centen%C3%A1rio%20da%20morte%20de%20Cam%C3%B5es%20%281880%29.pdf]

12 Teófilo Braga. *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1891, 275-8.

13 A mais importante do ciclo que Maria Isabel João analisa em *Memória e império. Comemorações em Portugal: 1880-1960*. Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

14 Guilherme d’Azevedo. “O Tricentenário” in *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Suplemento ao N.º 59 (10/6/1880), p. 90, cols. 1-2 [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1880/N59s/N59s_master/JPG/OOcidenteN59s_0002_branca_to.jpg].

15 Cf. *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, N.º 60, de 15/Jun./1880.

16 Cf. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 2ª série, vol XI, 1911, pp. 780-81.

E porquê este consenso em torno deste Poeta? E o consenso na homenagem a ele?

Primeiro. Porque é um autor maior do nosso Cânone literário¹⁷. Um Clássico no duplo sentido da palavra e tal como Italo Calvino, Harold Bloom, George Steiner e outros o afirmaram: dos que relemos, referimos e consagramos nos nossos programas académicos, mas, também, expoente destacado da nossa Renascença. Obra e autor cristalizando a resposta ao enigma enunciado por Fernando Pessoa no texto da rainha-Mãe “D. Tareja” (“As nações todas são mistérios./ Cada uma é todo o mundo a sós.”¹⁸) e que justificará o título de António Quadros “Portugal, Razão e Mistério” e o esclarecimentos que a obra constitui:

“A razão de Portugal, a *razão de ser* deste país antigo, encontra-se envolta na mais densa bruma. *Tornou-se* um mistério ou *é* um mistério? A emergência da nação lusíada, o seu destino inesperadamente fulgurante, o seu projecto áureo, a sua persistente resistência à adversidade, a sua longa e relutante decadência, os seus mitos de regeneração, as suas obras de génio, tudo é hoje interpretado casualmente, a partir de teorias da história opacas, diminutivas, reducionistas, que no fundo espelham o dominante espírito empedecido da nossa época positivista, materialista, utilitarista.”

“A razão de Portugal, a *razão de ser* de Portugal, é antes de tudo *uma razão teleológica*, isto é, uma razão aberta para com um *telos* ou um fim que é a justificação última do seu movimento no tempo e no destino.”¹⁹

Segundo. Porque nele convergem o singular e o plural, a figura e a paisagem: consubstancia e simboliza o país entre a euforia e a disforia, a paixão e a morte, o heroísmo e a tragédia, e sintetiza magistralmente a linhagem de varões com “numa mão a espada e noutra a pena”, figurações humanistas pontilhando a História luminosamente e inscritas como símbolos de uma sua hermenêutica.

E, nesse enlace, ele também protagoniza paroxisticamente a confluência genológica (tragédia, épica e lírica) “[n]a história funesta, inexorável,/ do Génio morto à fome, indignamente” e o “o choro masculino/ Do Génio contra a noite do Destino!”²⁰

17 Cf. longa reflexão sobre o tema que desenvolvi na trilogia dedicada ao Cânone literário (*Luz e Sombras no Cânone Literário* (2014), *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário* (2018) e *Perfis & Molduras no Cânone Literário* (2018)), trilogia fundamentada numa duologia dedicada ao *sfumato* em que ele emerge e se vai metamorfoseando (*Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (2019) e *Sfumato & Cânone. Na senda da identidade nacional* (2021).

18 Fernando Pessoa. *Mensagem*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934, p. 28.

19 António Quadros. *Portugal, Razão e Mistério: A Trilogia* [1986 ss.], Rio Maior, Fundação António Quadros e Alma dos Livros, 2020, pp. 22 e 23.

20 Gomes Leal. *A Fome de Camões*, Lisboa, & Etc., 1979, p. XII.

Terceiro. Porque a sua obra, em especial, a épica, constitui uma verdadeira “enciclopédia da tribo” (Eric Havelock) ou “livro de cultura” (Iuri Lotman): “cápsula do tempo”, sintetiza o imaginário, as sensibilidades, os saberes e a gramática da cultura da sua comunidade, oferecendo-se como um “observatório” do seu momento histórico e um “museu imaginário” (André Malraux).

Quarto. Porque, n’*Os Lusíadas*, Camões faz a ponte entre o mundo antigo e o seu contemporâneo alvorecer do futuro: na cartografia, na cosmovisão, na viagem para além do “*mare clausum*” dos Argonautas e afins, na caminhada em direcção ao “V[er], claramente visto” (*Os Lusíadas*, C. V, Est. 18) anunciador da Revolução Científica... Na Ilha dos Amores, a encenação do duplo prémio reunindo o amor e o conhecimento, culminando com a epifânica “Máquina do Mundo”, retoma os velhos mitos e anuncia uma nova progénie gerada na união entre o humano (nautas) e o divino/sobre-humano (ninfas), uma nova Humanidade, a do Futuro!

Quinto. Camões tem a capacidade de *comover* os leitores, de *mobilizar* as massas, com textos em que o Povo “se mira” (Almeida Garrett), novos espelhos de autoconhecimento e formativos da comunidade (não apenas dos Príncipes) renovadores dos laços sociais, geracionais, transversais. Expressão disso, no 3^o Centenário, Teófilo afirmou serem *Os Lusíadas* um bastião da nacionalidade, desde a Restauração à Revolução liberal e ao ideário republicano, bebendo no velho “Evangelho Português” mencionado por Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*, cap. 159) e mais atrás ainda, na “Nova Aliança” de Ourique, pedra angular do mito nacional onde o programa histórico se sintetizara, anunciando a independência e o império:

“Na eloquência dos factos, em as três Revoluções de 1640, 1820 e 1910, em que Portugal reconquistou a sua autonomia e reassumiu a soberania nacional, *Os Lusíadas* actuaram como o livro que conserva a tradição de uma raça; bem merecem o título de *Bíblia Lusitana*, que sintetiza a sua potência moral.”²¹

Enfim, outros aspectos poderia elencar nesta lista de “razão & mistério” (parafraseando o belíssimo título de António Quadros) cuja vertigem é inevitável face a uma obra tão central, expressão mais do que nacional e peninsular, mas também de uma Europa em busca de si no que a excede, na sua ânsia de “mais azul” (Mário de Sá-Carneiro).

Suspendo-me.

21 Teófilo Braga. *Camões. A Obra Lyrica e Épica*, Porto, Livraria Chardron, 1911, pp. 742-3.

Que as comemorações dos 500 Camões desenvolvam a reflexão, seja por impulso de iniciativa governamental (a Comissão Nacional nomeada *ad hoc*), seja por impulso de iniciativas da sociedade civil (com destaque para a Exposição Universal da Matriz Portuguesa – CAMÕES 500 Anos, que comissário²², e a que este número especial da *Fios de Letras* está associado... e leia-se Camões! E tenhamos em conta o que dele nos diz Eduardo Lourenço, esse psicanalista do nosso imaginário:

“*Os Lusíadas*, enquanto mito nacional, escapa a esses imperativos ou transcende-os. Não é a sua música eloquente, o milagre estético que representa na poesia épica moderna, a emoção que ainda hoje pode provocar, o que fundamentalmente celebramos enquanto comunidade nacional. É a *imagem camoniana de nós mesmos*, a nossa imagem épica, sublimada ou mesmo sublime, tal como *Os Lusíadas* a configuraram há quatro séculos e continuam a irradiá-la até ao presente.”

“Muitas nações se revêem com natural complacência nos seus grandes poetas, a Itália em Dante, a Inglaterra em Shakespeare, a França em Molière, ou Alemanha em Goethe, mas nenhuma delas é Dante, Shakespeare, Molière, ou Goethe, como nós somos Camões. O que cada um desses poetas encarnou pode separar-se deles sem afectar a imagem dos povos a que pertencem. Sem dúvida, a Alemanha é a Alemanha de Goethe como a Itália é a pátria de Dante. Mas só Camões, graças a *Os Lusíadas*, se converteu para nós, ao longo do tempo, na imagem mesma de Portugal, e o poema, na tão celebrada “bíblia da pátria”, alma da nossa alma.”²³

REFERÊNCIAS:

- BRAGA, Teófilo. *Camões. A Obra Lyrica e Épica*, Porto, Livraria Chardron, 1911.
- BRAGA, Teófilo. *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1891.
- BRAGA, Teófilo. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*, Lisboa, Typ. de A.J. da Silva Teixeira, 1884.
- BRAGA, TEÓFILO. *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Lisboa, Vega, 1983.
- CABRAL, Alexandre. *Notas Oitocentistas – I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

²² Cf. <https://www.exposicao-universal-da-matriz-portuguesa.pt/2024-camoes-500-anos/>.

²³ Discurso proferido em Leiria, nas Comemorações do 10 de Junho, Dia de Camões e das Comunidades reproduzido em: <https://leduardolourenco.blogspot.com/2011/06/dia-de-camoes.html>

COSTA, Mário. *O Chiado pitoresco e elegante, Histórias, Figuras, Usos e Costumes*. Lisboa, Câmara Municipal Lisboa, 1987.

CUNHA, Carlos. “III Centenário da morte de Camões (1880)”, p. 3 [<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centen%C3%A1rio%20da%20morte%20de%20Cam%C3%B5es%20%281880%29.pdf>].

GARRETT, Almeida. *Obra completa*. Porto, Lello & Irmão, 1966.

Ilustração Portuguesa, Lisboa, 2ª série, vol XI, 1911.

JOÃO, Maria Isabel. *Memória e império. Comemorações em Portugal: 1880-1960*. Lisboa, Universidade Aberta, 1999.

LEAL, Gomes. *A Fome de Camões*, Lisboa, & Etc., 1979.

O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Suplemento ao N.º 59 (10/6/1880) e N.º 60, de 15/Jun./1880.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1934.

QUADROS, António. *Portugal, Razão e Mistério: A Trilogia* [1986 ss.], Rio Maior, Fundação António quadros e Alma dos Livros, 2020.

RITA, Annabela. *Duologia: Sfumato. Figurações in hoc signo. Na senda da identidade nacional* (Lisboa, Edições Esgotadas/CLEPUL, 2019) e *Sfumato & Câneone. Na senda da identidade nacional* (Lisboa - Madrid - Paris - Rio de Janeiro - Roma - Siena - Turim - Veneza, Edições Esgotadas | IECC | Cátedras do Instituto Camões “Vasco da Gama”/ Università degli Studi Internazionali di Roma, “Fidelino Figueiredo” / Universidade do Estado da Bahia, “José Saramago” / Universidade de Vigo, “Fernando Pessoa” / Università di Firenze | Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) do Rio de Janeiro | Universidad Complutense de Madrid | Universidad Libre de Infantes Santo Tomás de Villanueva | Università Ca’ Foscari Venezia | Università degli Studi Internazionali di Roma – UNINT / Università di Torino | Università per Stranieri de Siena | Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, 2021).

RITA, Annabela. *Trilogia dedicada ao Câneone literário: Luz e Sombras no Câneone Literário* (Esfera do Caos, Lisboa, Esfera do Caos, s.2014), *Do que não existe. Repensando o Câneone Literário* (Lisboa, Manufatura Editora/CLEPUL, 2018) e *Perfis & Molduras no Câneone Literário* (Lisboa, Edições Esgotadas, 1ª e 2ª eds. 2019).

Submetido: 24/06/2024

Aceito: 27/08/2024

 <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i02.3877>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

